

Boa mesa e muita conversa, receita de Palocci contra pressão do cargo

Trabalhar com o ministro da Fazenda é bom, dizem seus assessores: ele é um homem aberto e 'bom de garfo'

LU AIKO OTTA

BRASÍLIA – Às segundas-feiras, o ministro da Fazenda, Antônio Palocci, reúne sua equipe para um almoço, que é servido numa sala no 6.º andar do ministério. Ao final, é normalmente oferecida uma sobremesa. Pavês com chocolate e creme são a tentação mais constante. E o ministro não resiste. “Continue servindo isso, mas só até o fim deste ano”, pede ele ao garçom. E ataca o doce, depois de ter enfrentado um prato “de peão de obra”, como descrevem seus assessores mais próximos.

Os pratos generosos e as dezenas de cigarros acesos ao longo do dia, acreditam eles, são o segredo de Palocci para conservar a fleuma e suportar a pressão decorrente das responsabilidades que ele tem tanto na área econômica quanto na política. Sua agenda contempla temas que vão dos empréstimos com desconto em folha para trabalhadores com carteira assinada da iniciativa privada, anunciados na semana passada, à legislação sobre falências. Para dar conta de tantos assuntos, sua agenda vai das 8 horas às 22 horas. Quando não está viajando, o ministro passa boa parte do dia no Palácio do Planalto.

É no almoço de segunda-feira que os secretários levam a Palocci os temas mais prementes de cada área do Ministério da Fazenda. Na terça, a equipe do Banco Central junta-se ao grupo. “Ele põe todos para falar, questiona muito, abre espaço para os outros darem sua opinião”, descreve um assessor. “Esse é um método muito bom, porque o resultado final é um trabalho de equipe e todos sabem o que se passa nas outras áreas.” No resto da semana, há reuniões para tratar de temas específicos.

Normalmente, o ministro pede aos secretários que elaborem

dois dossiês sobre o assunto: um resumido e outro detalhado. Assim, acompanha todo o trabalho em andamento. Nos intervalos, Palocci troca idéias com economistas que não fazem parte da equipe, como Delfim Netto e Luiz Gonzaga Beluzzo. E ainda acha tempo para ter aulas particulares de inglês.

Graças ao estilo do “chefe”, as discussões de equipe normalmente transcorrem em clima descontraído. Em um desses encontros, Palocci ouviu atentamente a uma exposição sobre o debate internacional a respeito de novas regras prudenciais para o sistema financeiro. “Tudo bem. Mas o que isso tem a ver com o povo brasileiro?”, questionou o ministro, provocando uma risada geral. Não que ele não tenha entendido o assunto. O fato é que não havia, então, nada de prático que pudesse ser feito a respeito do tema.

O ministro só não gosta quando são divulgadas medidas que ainda estão em discussão. “Lá no interior, dizem que, quando você quer pegar uma galinha, não deve ficar cercando e correndo atrás. Você vai lá e pega a galinha pelo pescoço.” Mesmo assim, os vazamentos ocorrem.

Foi o que aconteceu, por exemplo, com o Roteiro para Agenda de Desenvolvimento, elaborado em conjunto por três ministérios (Fazenda, Desenvolvimento e Planejamento), além do Planalto e do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Pouco antes da entrevista em que seria divulgado, Palocci estava no gabinete do ministro do Desenvolvimento, Luiz Fernando Furlan, quando a Agência Estado começou a divulgar o conteúdo do documento, atribuindo sua formulação



Com agenda das 8h às 22h, ministro arruma tempo para cuidar do visual

ao Ministério da Fazenda.

Palocci enfrentou o constrangimento, deu a entrevista ao lado de Furlan mas, ao chegar a seu gabinete, chamou alguns assessores e deu uma tremenda bronca. O destempero, porém, é raro, afirmam os assessores. “Ele cobra bem”, diz um deles. “Normalmente, evoca a respon-

sabilidade de cada integrante da equipe na gestão do País.” Fora isso, o mais comum é ele acalmar o time com suas brincadeiras.

Esse é, segundo um assessor direto, um momento particularmente tranquilo para a equipe. “Nosso

moral está alto”, comentou. Isso porque a primeira “galinha” já foi pega pelo pescoço. Em janeiro, os preços seguiam uma trajetória que apontavam para taxa de inflação na casa dos 40% neste ano. Na semana passada, os índices mostraram deflação. Outros indicadores, co-

mo o câmbio, o risco Brasil e o desempenho da balança comercial reforçam esse sentimento.

A próxima galinha a ser capturada é o crescimento econômico. Na comparação com 2002, o Produto Interno Bruto (PIB) deve crescer pouco neste ano: de 1,5% a 2%, estima o próprio governo. A atividade econômica deve estar mais aquecida no final do ano, se a retração da economia americana não atrapalhar. Esse é um ponto de preocupação da equipe.

A superação dos problemas mais imediatos no campo macroeconômico abriu espaço para a equipe econômica tratar de outros temas. Nas últimas três semanas, foi divulgada uma agenda de desenvolvimento, um ambicioso plano de safra, pacote de microfinanças e nova modalidade de crédito para os trabalhadores formais. Um dos motores do crescimento, o consumo, vai ganhar algum fôlego.

Agora, as atenções da equipe estão voltadas para o outro motor: o investimento. Ele depende da aprovação das reformas no Congresso, da segurança quanto à regulamentação dos setores de infra-estrutura e da própria perspectiva de crescimento da economia brasileira.

“Ele (Palocci) põe todos para falar, questiona muito. O método é bom, porque o resultado é um trabalho de equipe”

Assessor de Antônio Palocci